



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Gracyelle Albernoz Landes

**Um novo sentido para a leitura: vivências e reflexões sobre a produção
escrita de minha filha Maria Isabel**

São Gonçalo
2014

Gracyelle Albernoz Landes

Um novo sentido para a leitura: vivências e reflexões sobre a produção escrita de minha filha Maria Isabel

Monografia apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes

São Gonçalo
2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

L256 Landes, Gracyelle Albernoz.

Um novo sentido para a leitura: vivências e reflexões sobre a produção escrita de minha filha, Maria Isabel / Gracyelle Albernoz Landes - 2014.

46f

Orientadora: Dr.^a Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1 .Leitura. 2. Escrita. 3. Comunicação - Literatura infanto juvenil Moraes, Jacqueline de Fátima dos Santos II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

CDU 82-93(091)

Gracyelle Albernoz Landes

**Um novo sentido para a leitura: vivências e reflexões sobre a produção escrita de minha
filha Maria Isabel**

Monografia apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em _____

Banca examinadora:

Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes. (Orientadora).
Departamento de Educação da UERJ/FFP

Profª Drª Mairce da Silva Araújo
Departamento de Educação da UERJ/FFP

São Gonçalo
2014

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia, em primeiro lugar, a DEUS, que não me deixou desistir.

A minha mãe e irmã por acreditarem sempre.

Ao meu esposo pelo apoio, amor e dedicação.

As minhas filhas queridas MARIA ISABEL e ANNA BEATRIZ que nasceram praticamente na UERJ e são minha grande inspiração. Obrigada minhas princesas por me ensinarem a ser mãe, mulher e pedagoga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Jacqueline Moraes pela dedicação. Que apesar da distância geográfica, não deixou em nenhum momento de me atender atenciosa e carinhosamente. Este trabalho não seria o mesmo sem seu apoio incondicional.

“Ler não é decifrar, escrever não é copiar”.

Emília Ferreiro

RESUMO

LANDES, Gracyelle Albernoz - Um novo sentido para a leitura: vivências e reflexões sobre a produção escrita de minha filha Maria Isabel. Orientadora: Profª. Jacqueline de Fátima dos Santos de Moraes. Rio de Janeiro, 2014. 46 p. Monografia (Graduação em Pedagogia).

Esta monografia tem como objetivo analisar através da minha filha Maria Isabel as possibilidades de leitura e escrita nas crianças pequenas, refletir sobre a atuação da Educação Infantil, em seu papel fundamental de estimular a leitura e escrita através de contação de histórias e diálogo valorizado o esforço da criança em traduzir seu pensamento usando a escrita como ferramenta auxiliando – o neste processo para que o mesmo não seja sofrido, mas prazeroso, discutir o papel da educação infantil na escola que muitas vezes é distorcido, levando muitos professores a conduzir as crianças a repetirem frases soltas e sem nenhum sentido reduzindo desta forma a capacidade de raciocínio dos alunos, apresentar a leitura e a escrita como funções sociais em especial através do trabalho de Paulo Freire e Emília Ferreiro e discutir a necessidade da leitura como um ato de prazer que deve ser estimulado não só pela escola, mas também pela família, e compreendido como um hábito que não deve ser de forma alguma imposto.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Prazer. Comunicar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1 - primeiro texto produzido por Maria Isabel.....	19
Figura 2 - Maria Isabel contando história para a irmã Anna Beatriz.....	23
Figura 3 - Anna Beatriz atenta a história que Maria Isabel contou para a irmã dormir.....	23
Figura 4 - Envelope da carta de Maria Isabel para o pai.....	25
Figura 5 - Conteúdo da carta de Maria Isabel.....	26
Figura 6 - Texto produzido por Maria Isabel.....	30
Figura 7 - Atividade realizada por Maria Isabel na escola.....	33
Figura 8 - Texto produzido por Maria Isabel.....	36
Figura 9 - Primeiro exercícios de casa trazidos por Maria Isabel.....	37
Figura 10 - Caderno de atividades de casa de Maria Isabel.....	39
Figura 11 - Carta de Maria Isabel para mim.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: MEU MEMORIAL: UM PASSO DE CADA VEZ.....	11
1 CAPÍTULO I - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA CRIANÇAS PEQUENAS.....	18
2 CAPÍTULO II - A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24
3 CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES.....	28
4 CAPÍTULO IV – AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES ESCRITAS DE MARIA ISABEL.....	35
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA.....	44

INTRODUÇÃO

MEU MEMORIAL: UM PASSO DE CADA VEZ

Felicidade é a certeza de que nossa vida não está se passando inutilmente. São estes intervalos entre um trabalho cansativo e outro trabalho cansativo, estes momentos em que a gente pode conversar com um amigo, brincar com os filhos, ler um bom livro... O erro é pensar que o conforto permanente, o bem estar que nunca acaba e o gozo de todas as horas, são a verdadeira felicidade. Como agora vejo claro! É preciso o contraste... (VERÍSSIMO, 1976, p.276).

Quando leio este trecho da obra “Olhai os Lírios do Campo” de Érico Veríssimo me remeto a quanto deixamos nossa vida passar buscando a felicidade no futuro distante. Tento me recordar do quanto caminhei para chegar até aqui. Noto que cada pessoa que cruzou meu caminho, e cada situação vivenciada no meu dia a dia, me ajudou a compor o que sou. Quando penso em felicidade, penso que ela não é um futuro, mas um caminho que percorro todos os dias e me faz estar sempre em transformação.

A proposta feita por minha orientadora Jacqueline Moraes, de começar esta monografia escrevendo um memorial sobre minha vida, trouxe-me recordações e mágoas há muito enterradas no meu baú de memórias. Refiro-me a baú de memórias por entender que baú é algo em que guardamos tanto as coisas que gostamos muito, quanto àquelas que gostaríamos de esquecer. A imagem de um baú remete muito a minha infância. Trata-se, segundo o dicionário Aurélio, de “Caixa de forma retangular, com a tampa convexa, geralmente revestida de couro”. Este é um objeto bastante comum em algumas casas. Minha avó gastava muito de baús. Ela usava para guardar objetos que poderiam servir um dia e que na verdade nunca mais seriam vistos, pois ninguém mexia no tal baú. Geralmente por não ter abertura ou saída para ventilação tudo que era guardado dentro dos baús adquiria um cheiro característico, que me remete a memória, saudade...

Tive uma infância dura, com muitas dificuldades. Meus pais eram separados e cresci na casa da minha avó materna. Meu pai sumiu no mundo e minha mãe passava horas a costurar para nos dar o sustento. Nunca passamos fome, porém não tínhamos luxo. Contudo não me foi negado o direito à leitura, uma prática muito apreciada e incentivada por minha mãe.

Antes mesmo de aprender a ler, eu sempre contava histórias que eu mesma inventava. Essas histórias faziam minha mãe dormir.

Eu sofria de insônia e costumava brincar de boneca de madrugada. Preocupada, um dia minha mãe pediu auxílio ao médico que a orientou a dormir no mesmo horário que eu. Como dividia o mesmo quarto (eu, minha mãe e minha irmã), eu queria aproveitar o tempo para conversar e pedia para minha mãe contar histórias. Como minha mãe não atendia meu pedido, resolvi eu mesma contar histórias, até ela dormir. Esta experiência que vivi na infância lembra-me a frase de Freire. Diz o autor que "A leitura do mundo precede a leitura da palavra..." (FREIRE, 1921, p.9). Entendo que Freire, nesta frase, nos ajuda a compreender que muito antes de conhecer as letras é possível que as crianças interpretem, através de pistas, o universo em que vivem.

Uma importante memória de família que trago comigo: minha avó teve de enfrentar a família para poder aprender a ler. Naquela época, os seus pais achavam que ela deveria cuidar deles na velhice e que para tanto, minha avó não precisava ser alfabetizada. Lembro da tristeza que minha avó parecia sentir ao me contar que o seu pai havia surpreendido-a mexendo na cartilha das irmãs, tentando aprender a ler. Ele dizia, se referindo a cena de minha avó diante do livro, estar vendo *o burro olhando para o castelo*. Estas palavras, minha avó nunca esqueceu, mas não desistiu e conseguiu ser alfabetizada.

Minha avó tinha um jeito especial de escrever, pois escrevia da forma que falava. Minha mãe uma vez me contou que não gostava do seu nome que era "Eleni", e que um dia questionou o porquê da minha avó não haver colocado o seu nome de "Helena". Minha avó confessou que tentou escrever "Helena" no papel para meu avô levar no cartório, porém escreveu "Eleni". O cartório copiou do papel, escrito por minha avó. O mesmo "erro" ocorreu com minha tia "Arleni" que deveria ser "Arlene" e o meu tio "Almy" que deveria ser "Almir".

Estas histórias sempre me impulsionaram a ter muita vontade de aprender a ler e escrever. No começo lembro-me de rir do jeito que minha avó escrevia, e até tentar corrigir, mas minha mãe me reprimia muito e, embora não entendesse naquela época, hoje eu compreendo que ela tinha razão. Além de minha avó ficar muito constrangida, mais tarde pude compreender que seu esforço em escrever resultava na transmissão de qualquer mensagem através da escrita, nos provando que a principal importância da escrita é comunicar.

No meu processo de alfabetização esta preocupação, ao que me parece, passou despercebida. Lembro-me pouco: apenas um quadro pequeno com muitas sílabas para serem copiadas. As chamadas *famílias silábicas* precisavam ser muito bem decoradas. Poucos eram os momentos de prazer. Interessante é que só me lembro daquilo que me agradava na escola: a contação de história e as músicas no fim do dia. Também lembro uma carta que escrevemos

para o autor da nossa cartilha, agradecendo por ter nos ajudado a aprender a ler e escrever. Adorei quando ele respondeu minha carta!

Minha mãe conta que muitas vezes ela trazia textos para eu copiar em casa. Esta era uma ferramenta muito usada pela minha professora para fixar famílias silábicas e desenvolver agilidade para reproduzir os textos que ela colocava no quadro de giz. Estes textos eram por vezes demasiadamente repetitivos e sem qualquer sentido para mim. Era algo como:

DADÁ DEU O DADO AO DUDU.

A BABÁ DO BEBÊ.

Minha mãe costumava fazer para mim as tarefas que a escola passava para casa, quando os exercícios eram muito exagerados (Na maioria das vezes eram). Ela tinha pena da quantidade excessiva de repetições. Contudo, minha mãe não podia reclamar com a professora afinal, ela era minha tia. Quando minha mãe reclamava, a professora dizia que minha mãe estava atrapalhando o meu processo de aprendizagem...

Ao recordar-me destes momentos e ler alguns textos escritos por minha orientadora Jacqueline Moraes não pude deixar de perceber uma relação bastante próxima:

Nada mais antigo e nada mais atual no cotidiano das escolas do que ensinar desta forma, crendo num esquema somatório: é pela soma de elementos menores, os fonemas e as sílabas, que o sujeito aprende a língua. Neste modelo de ensino o aprendiz deveria seguir um caminho que ia do mais simples ao mais complexo, do ponto de vista do adulto, num processo cumulativo: letras, sílabas, palavras, frases, textos. Para ir de uma fase a outra, por exemplo, de sílabas para palavras, a fase anterior, sílabas, necessitava ter sido dominada pelo educando. O aluno iniciava seu aprendizado pelo alfabeto. Deveria demonstrar reconhecê-lo, dizendo-o de *cor e salteado*, utilizando para isso a soletração. O coro, portanto, que repete o alfabeto insistentemente é igualmente antigo. (MORAIS. 2001. p. 26).

Como podemos perceber no texto de Moraes, a repetição é uma ferramenta constante nas classes de alfabetização. Quando afirmo que trazia muitos deveres de casa no processo de alfabetização e que isso incomodava bastante a minha mãe, é porque realmente eram exercícios de repetição sem sentido, demasiadamente cansativos, textos que tinham como objetivo apenas fixar esta ou aquela sílaba isoladamente e que não me davam a ousadia de querer escrever além daquelas sílabas decoradas. Quando tive finalmente a possibilidade de criar uma frase de minha autoria a falta de ousadia estava sempre presente em frases do tipo:

A MAMÃE É BONITA.

O MENINO É FELIZ.

Estas Frases na verdade revelam medo de errar, de arriscar. São tão ricas em palavras quanto às frases contidas em minha cartilha...

Alfabetizada, me preocupava muito em ter algo a dizer nas conversas dos adultos. Para ter assunto, eu lia jornais, revistas e livros dos mais variados temas. Porém, nada me prendia atenção. O primeiro texto que me despertou verdadeiramente para a leitura foi: “Meus Oito Anos” do poeta Casimiro de Abreu. Este texto era um dos muitos no livro didático da escola. Ele me chamou bastante atenção. E eu adorava lê-lo para minha avó que já o conhecia, mas não cansava de ouvir.

Como não podia brincar com as crianças na rua, porque minha mãe não deixava, eu passava horas olhando-as correrem através da janela. Em uma tarde em que estava ociosa, resolvi ler os textos do livro didático que usava na escola. Tinha exatamente oito anos e senti um encantamento maravilhoso por aquelas palavras. Tentava me colocar na pele do personagem. Descobri naquele dia um novo meio de ser criança, pois, ao invés de olhar as outras crianças brincando na rua, eu olhava por outra janela. Vivia o que o escritor Manguel viveu em sua infância “Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava” (MANGUEL, 1997, p.25). O autor relata sua experiência pessoal com a leitura. Foi assim que “roubei” a infância de Casimiro de Abreu para mim. Ele me permitia viver sua infância livre e eu dava a ele o meu corpo imaginário para correr pelos campos verdes que os livros me levavam.

Tudo que aprendia com os livros eu utilizava para conversar com pessoas mais velhas. Era uma forma de ser elogiada afinal, eu acabava conhecendo uma quantidade grande de informações. Esta tática era algo que muitas vezes me colocava em conflito com minha irmã mais velha. Como ela era mais tímida, as pessoas achavam que eu sabia mais do que ela. Lembro quando minha irmã começou a estudar inglês na escola e aprendeu uma música. Ela cantarolou para minha mãe e eu decorei. Repeti para um monte de gente e todo mundo achou que eu sabia inglês. Minha irmã ficou chateada porque ela havia me ensinado e eu fiquei com a fama. Hoje percebo que havia em mim uma grande necessidade de conquistar um espaço.

Por duas vezes minha mãe foi chamada na escola: a primeira por conta de um desenho. Desenhei três meninas (eu, minha mãe e minha irmã) e um menino (meu pai). O que chamava a atenção na imagem era uma árvore que separava as meninas do menino. Depois de ser questionada sobre o significado do desenho, as professoras resolveram conversar com minha mãe sobre a ausência do meu pai e o quanto isso estava causando problemas para mim. Concluo que o olhar da professora demonstra que é possível compreender e dialogar com os

alunos sem necessariamente fazer uso da escrita propriamente dita. A percepção da professora no desenho demonstra que com sensibilidade podemos perceber outras formas de escrita e estabelecer uma comunicação melhor, compreendendo que a escrita não é uma única forma de comunicação, mas somente uma delas.

A segunda vez foi durante uma aula passeio no zoológico do Rio de Janeiro. Reclamei com a coordenadora das estagiárias da turma do excesso de trabalho da minha mãe, pois era uma situação que me incomodava bastante, a história que contei sobre minha vida causou enormes proporções e a professora foi parar em minha casa preocupada com a ausência de diálogo entre minha mãe e eu. Este fato ajudou minha mãe a se aproximar de mim e dividir melhor seu tempo entre o trabalho e a família. Minha filha hoje faz o mesmo questionamento e isso me faz repensar o quanto foi difícil para a minha mãe trabalhar e nos criar sozinha, e eu querendo atenção, elogio a todo o momento.

Minha mãe sempre foi minha amiga, sempre teve diálogos abertos comigo. Deixou sua carreira para trabalhar em casa costurando, para cuidar pessoalmente da gente. Nunca faltou a nenhuma reunião na escola. Mesmo com todas as dificuldades, ela estava sempre presente em nossa vida. Isso não impediu as queixas, pois, como disse, a necessidade de atenção da minha parte era muito intensa.

Os livros eram uma boa companhia para mim. Não me recordo do momento em que comecei a procurá-los, porém, sei que lia bastante. Buscava na leitura preencher as horas em que ficava sozinha, sem ter com quem conversar. Minha avó às vezes se incomodava com este hábito. Ela dizia que ler demais fazia as pessoas ficarem malucas, este talvez tenha sido um dos muitos mitos sobre leitura, também era comum dizer que ler após as refeições fazia mal. Hoje alguns destes mitos vem sendo derrubados através de pesquisas que comprovam os benefícios da leitura, Adriana Foz nos ajuda a compreender nesta fala.

Um país é feito de homens e livros, já dizia Monteiro Lobato. Um país saudável é feito de homens que lêem. Ler desenvolve a inteligência, socializa, informa e previne doenças, tais como: ignorância, falta de estímulo, alienação, dentre outras. (FOZ, 2013, p.1)

Como podemos perceber a leitura nos ajuda a desenvolver muitas habilidades e nos ajuda a compreender melhor o mundo a nossa volta.

Houve um tempo em que minha mãe começou a tomar conta de duas primas minhas. Não lembro a idade delas. Contudo, sei que a mais nova estava entrando na escola e que a mais velha estava no terceiro ano, o que hoje pertenceria ao ensino fundamental. A mãe delas costumava dizer que a menor era muito inteligente e que a mais velha era “burra” e incapaz de aprender qualquer coisa. Dizia que uma seria faxineira e a outra doutora. O que me chama

atenção neste caso é que a mais velha tinha muitos problemas de saúde e passou muito tempo internada. A mãe pedia para mim e para minha irmã ensinarmos a matéria da escola para ela. Nós tentávamos, porém a menina afirmava não saber mais como ler. Havia esquecido. Eu colocava várias letras no quadro. Ela conhecia todas, mas não conseguia ler nada. Eu me perguntava como ela havia chegado ao terceiro ano. Diziam-me que, até então, ela sabia ler, mas um dia esqueceu. Não adiantava insistir, esquecia tudo de um dia para o outro. Afirmava ser muito “burra” e incapaz. Às vezes as pessoas comentavam que ela estava mentindo e tentando chamar atenção. O fato é que ela acabou algum tempo depois abandonando a escola e nunca mais tivemos notícias se ela realmente teria reaprendido a ler. Priscila Valverde Fernandes em seu artigo questiona a forma como o aluno tem sido culpabilizado a cerca do não aprendizado.

As aprendizagens e a não-aprendizagem muitas vezes são relatadas como algo individual, inerente ao aluno, um elemento que transcende, ao qual o professor não tem acesso, portanto, também não tem responsabilidade. Inúmeras vezes o diagnóstico é centrado no aluno, chegando no máximo até sua família, a instituição escolar, a política educacional raramente são questionadas no cotidiano da escola. (FERNANDES, 2004, p.2)

Como podemos perceber muito se critica e pouco se faz a respeito do fracasso escolar sobre tudo nas camadas populares.

Na adolescência a minha relação com os livros só foi aumentando. Naquele momento queria cursar História ou Sociologia, mas logo que minha irmã iniciou o curso de Pedagogia me senti influenciada pelo discurso de Paulo Freire. Senti-me mobilizada por sua discussão sobre a necessidade de compreender a leitura como um ato político capaz de conscientizar os indivíduos sobre suas diversas possibilidades de transformação da sociedade. Embora tivesse horror a idéia de ser professora, pelo discurso desmotivador dos meus próprios professores ao longo da escola (falavam da profissão como sendo ingrata e mal remunerada), não desisti daquilo que acreditava.

A faculdade veio no mesmo ano do meu casamento. Enquanto trabalhava em um supermercado, ia de manhã estudar e de lá direto para o trabalho. Eu e meu marido só nos víamos a noite. Ele trabalhava de manhã e eu à tarde. Passamos muito sufoco no começo. No mesmo ano nossa casa foi roubada, minha avó faleceu e ele ficou internado com crise de apêndice, mas não desistimos. Temos duas filhas lindas que em breve irão conosco visitar os avós paternos em Minas Gerais. Somos felizes não pelo futuro ou pelo passado, mas por tudo que passamos juntos, pois foi cada momento feliz ou triste nos ajudou a formar cada um de nós na sua individualidade. E cada aprendizado que tive vai continuar me afetando ao ponto de

me transformar todos os dias em um novo eu, nem melhor nem pior apenas eu: Mulher, Mãe, Esposa, e Professora.

Em 2008 fui aprovada no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para o curso de pedagogia. O campus escolhido foi na Faculdade de Formação de Professores no município de São Gonçalo. Era o local mais próximo de minha casa, o começo foi bem difícil. Estudamos uma semana e a seguinte universidade entrou em greve, retornando as aulas aproximadamente três meses depois, na semana anterior ao meu casamento. Poucos alunos participaram deste movimento de greve, pois ainda não tínhamos envolvimento com as causas e com a própria universidade. Hoje isso mudou bastante. Embora muita gente ache estranho apoio às greves e lutas por melhorias na educação e pela valorização dos profissionais da educação, mudei meu modo de pensar. Esta mudança foi fruto da formação em uma instituição, que com total transparência, nunca escondeu dos alunos o processo de desvalorização do magistério e das universidades públicas em nosso país. Vejo que mesmo com todos os problemas a universidade continua a produzir profissionais de qualidade dispostos a fazer da alfabetização um processo de formação política, que leve nossos alunos a refletir o tempo todo e questionar o porquê de tudo.

A princípio pensei em fazer uma monografia sobre Darcy Ribeiro e as políticas públicas que buscavam responder as causas do fracasso escolar. O tema foi esquecido à medida que aprofundei minhas reflexões sobre alfabetização, leitura e escrita e passei a perceber em minha filha um enorme interesse por leitura. Fui observando que pouco conhecia sobre a leitura na educação infantil e o quanto esta etapa de ensino contribui para as etapas seguintes. Por esta razão decidi refletir e pesquisar a respeito.

Muito tem sido discutido a respeito da alfabetização na educação infantil e por isso vou discutir nesta monografia o sentido da leitura e escrita na infância e para a infância. Também analiso as formas como nós, educadores, devemos lidar com o desejo insaciável das crianças em aprender a ler e escrever, antes mesmo de chegarem ao primeiro ano. Também irei discutir como podemos incentivar este desejo sem exagerar nem desmotivar.

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA CRIANÇAS PEQUENAS

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam (...) As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as. (CASTRO, 2008, p.4).

Segundo Castro (2008) as crianças e os bebês se interessam muito cedo pelos livros, não só pela parte escrita, mas pelas cores e pelas formas. Hoje é muito comum a publicação livros com texturas diferentes. Dá até para levar esses livros para a hora do banho pois suas páginas são muito mais resistentes. Maria Isabel adorava seu livro de banho. Como ele não era muito grande, ela costumava bater com ele na água e ensaboá-lo. Conforme minha filha foi crescendo as figuras distraíam-na enquanto estava na banheira. Depois, o livro de banho virou um companheiro na piscina.

A correria do dia a dia muitas vezes nos impede de perceber o quanto as crianças se espelham nos adultos.

Um dia, eu copiava uma receita da tela do computador para o papel e minha filha, então com dois anos, pediu um papel para escrever também. Foi o que eu fiz: dei um caderno a ela. A forma como minha filha reproduziu a receita naquele papel me inspirou a esta discussão, pois estavam longe de se parecer com um desenho: nele havia clara intenção de escrita. Foi assim que descobri que todo o esforço que fiz para não excluir minha filha das letras, dando a ela acesso a livros próprios para sua idade e lendo-os para ela, permitiu que ela se comunicasse comigo também através da escrita.

Figura 12: Primeiro texto produzido por Maria Isabel.



Fonte: Arquivo pessoal; outubro de 2012.

Desde muito cedo me preocupei em transmitir a minha filha que ler e escrever eram uma espécie de “valor”. Procurava ler para ela sempre que me pedia. Logo em seus primeiros anos de vida, fornecia a ela papel e lápis para que pudesse se expressar. Eu sempre expliquei que os livros são nossos amigos. Na minha casa eles dormem junto com os brinquedos. Podem ser anotados, revistados. Alguns são bons conselheiros e outros não. Por isso preciso escolher bem. Segundo Daniel Pennac:

A leitura não resulta da organização do tempo social, ela é como um amor, uma maneira de ser. A questão que se coloca não é saber se tenho ou não tempo para ler (tempo esse que, aliás, ninguém me dará), mas sim se tenho ou não prazer em ser leitor. (PENNAC, 1993, p.133).

Conforme afirma Pennac (1993) quando a leitura é um momento de prazer para o leitor, a falta de tempo, o cansaço, deixará de ser desculpa para não fazê-lo. Este é um papel que não cabe somente a escola ou ao professor, mas a toda a comunidade. O aluno precisa ter contato com os livros, acesso a eles, para escolher o que realmente gosta de ler e encontrar o prazer nos livros.

Pennac, aliás, é uma ótima referencia ao falar de leitura para crianças pequenas, pois, para o autor o prazer pela leitura começa quando os pais começam a ler pequenas histórias para seus filhos, pois é quando o prazer pela leitura se inicia. Ao crescer, a leitura se tornará um gesto natural.

Em seu livro “Como um Romance” Pennac vai classificar alguns direitos do leitor: O direito de não ler, o direito de pular páginas, o direito de não terminar um livro, o direito de

reler, o direito de ler qualquer coisa, o direito ao bovarismo, o direito de ler em qualquer lugar, o direito de ler uma frase aqui e outra ali, o direito de ler em voz alta e o direito de calar...

Quando a escola impõe uma leitura, segundo Pennac o livro deixa de ser vivo.

Ler não exige somente tempo, mas amor, prazer. Para tal é preciso ler o que gostamos. Não posso impor um livro a minha filha, posso propor ler junto com ela, para ela e mostrar que a leitura não é um bicho de sete cabeças, mas momento de lazer tão satisfatório quanto brincar.

Um bom leitor necessita aprender a ter prazer na leitura. Este prazer precisa de estímulo. Podemos fazer isso em casa com nossos filhos (mesmo os bebês). Quando Maria Isabel completou 1 ano e 9 meses ganhou seu primeiro livrinho e ela gostou muito, foi a partir daí que começamos a ler para ela, no livro havia uma família de macacos que ela dizia “este é o papai, a mamãe e o ‘cacaco’” perguntávamos para ela porque que o macaco pequeno não era ela e ela fazia cara feia...Da minha parte não via dificuldades para ler para ela, a não ser quando estava ocupada e ela queria que lesse para ela, fora isso achava um momento legal entre mãe e filha...

Ler para uma criança é uma maneira de permitir que ela se identifique com as diversas literaturas. Aos poucos a própria criança vai adquirir a crítica ao escolher um livro a outro.

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição do objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto em que o texto fala. (FREIRE, 1981.p.5).

Freire nos aponta que a leitura por obrigação pode até nos fazer conhecer o objeto de estudo, mas será um conhecimento vago que em breve será esquecido. Por isso aponto que a leitura por prazer é fundamental e deve ser estimulada desde muito cedo.

Participei de um FALE (Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita) na UERJ – FFP cujo título dizia “Quando os Erros nos Revelam Saberes”. Penso que dei muito pouco valor ao tesouro que minha avó nos transmitia, uma pessoa que ousava escrever do seu jeito, com um propósito de se comunicar sem se preocupar com a gramática. É neste sentido que vejo a leitura e escrita como “valores”. Penso que não basta saber ler e escrever: é preciso desejar fazer da leitura e escrita ferramentas de comunicação.

Trago comigo a expectativa de que muitas pessoas tenham direito à leitura e escrita da mesma forma que eu pude ter a oportunidade de conhecer e a amar profundamente. Eu compreendo que não é possível negar a qualquer ser humano a possibilidade de conhecer todo tipo de arte e literatura. Uma aluna da FFP que morava no Complexo da Maré dizia que por várias vezes tentou apresentar aos jovens o espaço da UFRJ que fica próximo a esta

comunidade. Ela relatava com tristeza o quanto seus amigos não se identificavam com aquele espaço. Ouço muitos jovens dizerem que não gostam de determinados tipos de música e literatura, contudo, o que vejo é que muitos destes jovens não se identificam com estas modalidades de arte porque não fazem parte do seu cotidiano.

Retomando a discussão que iniciou este capítulo, com respeito à escrita produzida por minha filha aos dois anos de idade e sobre a importância que vejo no fato de ler para ela desde muito cedo, penso ser importante trazer a discussão de morais. Para ela:

Narrar histórias às crianças é de certa forma imprimir marcas no texto e nos próprios ouvintes: marcas da cultura, marcas de outros grupos distantes, marcas nem sabemos quais. E esta relação entre quem narra e quem ouve recebe marcas também. (MORAIS. 2002.p, 85).

Para Moraes (2002) contar histórias para as crianças é uma via de mão dupla, pois quem lê de alguma forma acaba sendo afetado pela leitura. Alias, se lermos um livro vinte vezes, cada uma dessas vezes será diferente.

Ainda segundo Moraes:

Sua aprendizagem pode se vista como algo que, mais que envolver um hábito envolve paixão. Aprender a ler histórias seria, pois, uma ação cotidiana apaixonada. Não aprendemos Carlos Drummond de Andrade por hábito ou Clarice Lispector por disciplina. Lemos, ou desejamos ler, pela sedução que estes autores provocam, pela fantasia que alimentam, pela promessa de um encontro marcado com um tempo e um lugar: o da narrativa (MORAIS. 2002.p, 87).

Ao formar um leitor, não aceito enquanto professora habituá-lo a ler. Quero que ele sinta prazer em apreciar um livro. Eu sempre tive imenso prazer em ouvir as histórias que minha avó contava de sua terra natal (Paraty/RJ) e quero que minhas filhas tenham este mesmo encantamento em saber ouvir a voz do outro. Afinal, ler um livro é também escutar a fala do distante.

Por outro lado, Paulo Freire em seu livro a importância do ato de ler afirma que:

Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário enquanto ato de conhecimento e ato criador o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.(FREIRE.1921.p7/8).

Não alfabetização segundo Freire (1921) o mais importante é valorizar o conhecimento do aluno para que o mesmo, não deixar sua criatividade e sua cultura morrerem. Crianças também têm muito a contar. Quando lemos para elas não podemos deixar de ouvir suas

próprias histórias, para que elas sintam não só o prazer de falar, mas também o de serem ouvidas.

O aluno precisa querer ler, e para isso ele precisa compreender que não se trata de mais um conhecimento. Ele precisa perceber o sentido, a causa do conhecimento, abraçar a leitura, congregá-la.

Para tanto, o professor precisa inserir a leitura e a escrita no dia-a-dia do aluno. Ler para as crianças é fundamental. As crianças devem tocar nos livros, apreciá-los. E porque não rasgá-los e rabiscá-los? Nós mesmos, por vezes, marcamos nossa página favorita. Porque as crianças não poderiam fazer o mesmo? Por que não as crianças sentirem-se a vontade para saborear os seus livros? Não vejo razão alguma que impeça as crianças de viverem o encantamento da leitura de um livro, não só ouvindo ou lendo, mas também tocando e assim percebendo em seu toque o prazeroso universo da leitura na palma da mão. Minha filha guardava seus livros junto com seus brinquedos. Inevitavelmente eles eram tratados como brinquedos. Quando era menor, minha filha não tinha o hábito de rasgá-los, mas agora gosta de recortar figuras. Na verdade isso só a aproxima dos livros, por isso não me incomoda. Ao contrário, me deixa triste ver pessoas guardarem os livros infantis dos filhos em estantes altas sem que os mesmos possam ser manipulados. Obviamente alguns casos devem ser considerados. No ano 2013. Maria Isabel ficou chateada com a professora que não permitiu que ela ficasse no parquinho porque estava na hora da historinha. Por protesto, Maria rasgou o livro da professora, o que para mim foi uma surpresa. Como já disse, ela não tinha este hábito. Então, embora a professora não tenha exigido, levei-a na livraria e escolhemos juntas um livro. Depois de comprado expliquei que poderia ser um livro para ela, mas, como ela rasgou o da professora, deveria devolvê-lo. A partir daí ela não só não rasgou livros como aprendeu a respeitar aquilo que não é dela.

Quanto mais cedo a criança apresentar relação com os livros e entender o prazer que a leitura causa, maior será a possibilidade de ela tornar-se um adulto leitor. Por isso é importante que a educação infantil seja um ambiente de leitura, no qual os alunos vivenciem a leitura de forma prazerosa, constituindo-se assim um leitor. É preciso também dar espaço para a escrita e possibilitar a criança em seu dia-a-dia produzir suas próprias histórias.

A experiência de leitura de minha filha começou quando ela ganhou seu primeiro livro aos um ano e nove meses de idade. Sempre que ela nos pedia, líamos para ela. Ela decorou as páginas e começou a ler histórias diferentes de acordo com as figuras. Neste livro um dos personagens era um macaquinho que tinha o nome de Tony e este é o apelido do tio dela. Por

isso minha filha não permitia que esta página fosse lida. Um dia ela começou a escrever no livro. Minha irmã passou álcool e limpou. No dia seguinte ela voltou a escrever. Então, percebemos que não eram rabiscos quaisquer, era a tentativa de registrar no livro a sua própria versão da história. Em um natal minha irmã perguntou para ela o que gostaria de ganhar. Ela pediu um livro porque gosta muito quando ganha um, principalmente de contos de fadas. Ela diz que quando crescer quer ser fada madrinha.

Figura 13: Maria Isabel contando história para a irmã Anna Beatriz.



Fonte: Arquivo pessoal; março de 2014.

Figura 14: Anna Beatriz atenta à história que Maria Isabel contou para a irmã dormir.



Fonte: Arquivo pessoal; março de 2014.

Na imagem acima Maria Isabel pegou um livro de histórias para ler, ela queria que sua irmã Anna Beatriz fosse dormir por que às vezes tem ciúmes e não gosta de dividir a atenção.

Não interferei na cena, e Anna também não dormiu, ao contrário escutou atentamente a história lida somente através das imagens. Depois quando Maria Isabel dormiu Anna passou alguns minutos folheando o livro e balbuciando algo que infelizmente não sei traduzir, pois ela fala o mínimo possível e 90% das palavras são intraduzíveis.

CAPÍTULO II

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Neste sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios. No entanto, de acordo com a UNESCO (2005) somente 14% da população tem o hábito de ler, portanto, pode-se afirmar que a sociedade brasileira não é leitora. Nesta perspectiva, cabe a escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, não por obrigação. (CASTRO, 2008, p.2).

Como Castro (2008) nos afirma, a leitura deve estar presente não só na escola, mas também nos lares. O interesse de minha filha pela leitura começou por me ver lendo os textos da faculdade. Sem este estímulo, não tendo pais leitores, o problema está mal colocado. Afinal, não é o adulto quem decide quando e onde a criança irá aprender. O adulto tem a ilusão de que decide, mas na verdade a criança aprende sem pedir permissão: a leitura será cada vez mais um obstáculo a ser apresentado na escola. Para Pennac, a melhor forma de vencer este obstáculo é através da leitura em grupo. o professor começa uma história e não termina, ou deixa para o dia seguinte. Assim, os alunos podem despertar a curiosidades de procurar aquele livro infantil.

Segundo Emília Ferreiro (2001) a respeito desta questão:

Muito se tem discutido acerca da finalidade da Educação Infantil. Ultimamente temos ouvido diversas discussões sobre ensinar ou não a ler e escrever ainda na educação. Felizmente, as crianças de todas as épocas e todos os países ignoram esta restrição. Nunca esperam completar 6 anos e ter uma professora à sua frente para começarem a aprender. Desde que nascem são construtoras de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam, por si próprias, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles. (FERREIRO. 2001.p.65)

A linguagem oral traz para a sala de aula a identidade daquela criança:

A linguagem oral (fala, escuta e compreensão) permeia quase todas as interações estabelecidas pelas crianças em suas práticas sociais. É assim que meninos e meninas se apropriam da cultura escolar, desde o ingresso na instituição. É também por meio da fala que as crianças adentram na escola, levando consigo as marcas de sua classe social, de sua origem e identidade cultural, constituída por conhecimentos, crenças e valores. Trazem, portanto, a variedade linguística do grupo social a que pertencem. (FARIA. 2007.p.2)

Ao aprender a falar, escutar e compreender, segundo Faria (2007), a criança demonstra a capacidade de aprender sem precisar da licença do adulto. Por isso, quando ela chega a escola, traz consigo toda sua cultura familiar, toda sua diversidade. Traz não só a sua história

de vida, mas a história de vida de toda sua comunidade. Tudo isso sem licença de ninguém. O difícil é para nós adultos percebermos que a criança é capaz de saber quando e como deve aprender a ler, e só vai fazê-lo se isso tiver na vida dele algum sentido.

A ilusão pedagógica pode manter-se porque as crianças aprendem tanto a proceder como se nada soubessem (embora saibam), quanto a mostrar, diligentemente, que são capazes de aprender através do método escolhido. (FERREIRO, 1982, p.97).

Como podemos perceber na citação acima, as crianças fingem que aprendem através do método utilizado pela escola, mas na verdade é apenas um jogo. As crianças aprendem a ler e escrever nas mais diversas situações, em especial fora da escola e dos olhos de um adulto. Tenho visto em algumas escolas freqüentadas por filhos de amigos e familiares que já na educação infantil a escola ensina todas as letras de forma solta, sem sentido. Nesta perspectiva caberia ao professor alfabetizador a função de ensiná-las a juntar estas letras, como se a leitura fosse algo vazio e sem sentido. Será esta a concepção de leitura que queremos dar aos nossos filhos e alunos? Para Ferreiro:

A criança trabalha cognitivamente (isto é, procura compreender) desde muito cedo informações das mais variadas procedências: os próprios textos nos respectivos contextos em que aparecem (embalagens, cartazes de rua, tevê, peças de vestuário, assim como livros e periódicos); informação específica destinada às crianças (alguém lê uma história para elas, diz-lhes que esta ou aquela forma é uma letra ou um número, escreve seu nome para elas, etc.); informação obtida através de sua participação em atos sociais dos quais fazem parte o ler e o escrever. (Ferreiro, 2000, p.98/99).

Neste texto Ferreiro me ajudou a compreender que no dia-a-dia da criança que vivencia a presença da escrita, o reconhecimento das letras vem naturalmente. Mas muito mais do que este reconhecimento vem a conclusão natural de que ler nos ajuda a nos comunicar.

Minha filha está aprendendo a escrever cartas. Quando está em casa sempre escreve para mim e para seu pai. Embora pareçam apenas rabiscos sem sentido ela sempre lê o conteúdo das cartas. Neste sentido posso afirmar que minha filha sabe a função social da escrita e a utiliza muito bem.

Figura 15: Envelope da carta de Maria Isabel para o pai.



Fonte: Arquivo pessoal; fevereiro de 2014.

Este envelope foi escrito em um papel reciclado que Isabel encontrou jogado no chão junto com uma mala de pintura que ganhou do padrinho. Virou uma carta surpresa para o pai quando chegou do trabalho. Está escrito: Papai eu fiz esta carta para você. Mas a gente brinca e dança sem parar. Aí eu gosto tanto de você. E o nosso time é Flamengo. Eu fiz este coração e você!

Figura 16: Conteúdo da carta de Maria Isabel.



Fonte: Arquivo pessoal; fevereiro de 2014.

Este é o conteúdo da carta que foi entregue ao pai assim que chegou do trabalho. O texto ela mesma leu: Querido papai eu fiz esta carta para você. Amor papai.

É preciso trazer a criança para a compreensão da leitura como uma ação fundamental para a vida em sociedade. Ferreiro (2000) ainda acrescenta:

Esse é o tipo de informação que tradicionalmente não é transmitida no início do processo de escolarização. Esse é o tipo de informação que uma criança de seis anos que conviva com adultos alfabetizados já possui quando começa a escolarização. (FERREIRO, 2000, p. 99).

Para Ferreiro, a escola de hoje não ensina a criança que a leitura possui uma função social. Porém, qualquer criança que convive com adultos alfabetizados é capaz de perceber isso quando observa os usos da leitura em seu dia a dia, como por exemplo, quando a mãe escreve uma carta para um tio que mora longe, quando o pai sabe das notícias através de um

jornal ou quando o irmão mais velho é capaz de ler os tutoriais do jogo de vídeo game e passar aquela fase difícil...

Como podemos perceber o papel da educação infantil não é isolar a criança da linguagem escrita e nem introduzi-la de forma irresponsável, mas com carinho e respeito apresentar a criança o papel desta linguagem na nossa vida cotidiana.

Na linguagem oral, na vida em geral, não aprendemos em partes. Quando aprendemos a andar, por mais que nossos pais tentem evitar, todos nós caímos. Na leitura, estas quedas equivalem aos erros, que vão ser necessários e normais por muito tempo. Não compreendo a idéia de que as crianças devam sair do primeiro ano de escolaridade dominando completamente a língua portuguesa, quando a mesma é tão difícil. No geral até os doutores tem duvidas sobre a escrita. Para Ferreiro (2000) as crianças:

Iniciam sua aprendizagem do sistema de escrita nos mais variados contextos, porque a escrita faz parte da paisagem urbana. As crianças de cinco anos geralmente já sabem distinguir – dentro do complexo conjunto das representações gráficas presentes em seu meio – o que é desenho e o que é “outra coisa” (Ferreiro, 2000, p.98).

Segundo Ferreiro (2000) a leitura e a escrita, tão presentes em nosso cotidiano, são aos poucos assimiladas, por sua forma característica, pelas crianças. É assim que um adulto analfabeto pode facilmente pegar um ônibus sem precisar de ajuda de um leitor, pois ele decora o formato da letra embora não saiba o que está exatamente escrito. Esta estratégia também está presente entre as crianças.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES

A Educação Infantil no Brasil compreende o atendimento às crianças de zero a seis anos, enquanto em outros países abrange crianças entre três e cinco anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 1996) define que a Educação Infantil deve ser oferecida em creches ou em entidades equivalentes, para crianças de zero a três anos de idade, e em pré-escola, para crianças de quatro a seis anos. Ainda que não obrigatória, a Educação Infantil é um direito público, cabendo ao município a expansão da oferta, com o apoio das esferas federal e estadual. (INEP, 2000).

De acordo com o INEP a educação infantil é um direito garantido por lei, com a responsabilidade dos municípios. Isso inclui não somente a pré-escola, mas também as creches.

Hoje, a criança tem a oportunidade de freqüentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações, na instituição de educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica, e destina-se a crianças de zero a cinco anos e onze meses, visando a proporcionar-lhes condições adequadas de desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social, promovendo a ampliação de suas experiências e conhecimentos. A educação infantil teve alguns avanços e retrocessos, e hoje busca-se a qualidade na organização do trabalho pedagógico. (PEREIRA, 2013. P.1).

De acordo com Pereira (2013) a educação infantil possui não um aspecto assistencialista, mas um espaço de socialização importantíssimo para o desenvolvimento social, cultural e intelectual.

O referencial curricular nacional para a educação infantil é uma referência para estruturação de currículo, de caráter nacional, para a Educação Infantil.

Segundo este Referencial, a educação infantil é um espaço de convivência em que devem ser respeitadas todas as diferenças. Outro aspecto também defendido por este documento oficial é que as crianças tenham acesso à cultura para desenvolverem novas capacidades sem perder o prazer em viver cada experiência.

É possível refletir a partir daí que a educação infantil é muito além de um espaço de aprendizagem. É também um espaço de convivência, pois a socialização não deixa de ser aprendizado e o aprendizado ajuda na socialização. As crianças aprendem muito quando conversam, brincam e até quando brigam, pois aprendem com isso a respeitar o espaço um do outro.

Constituir-se em um equipamento só para pobres, principalmente no caso das instituições de educação infantil, financiadas ou mantidas pelo poder público significou em muitas situações atuar de forma compensatória para sanar as supostas faltas e carências das crianças e de suas famílias. A tônica do trabalho institucional

foi pautada por uma visão que estigmatizava a população de baixa renda. Nessa perspectiva, o atendimento era entendido como um favor oferecido para poucos, selecionados por critérios excludentes. A concepção educacional era marcada por características assistencialistas, sem considerar as questões de cidadania ligadas aos ideais de liberdade e igualdade. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998).

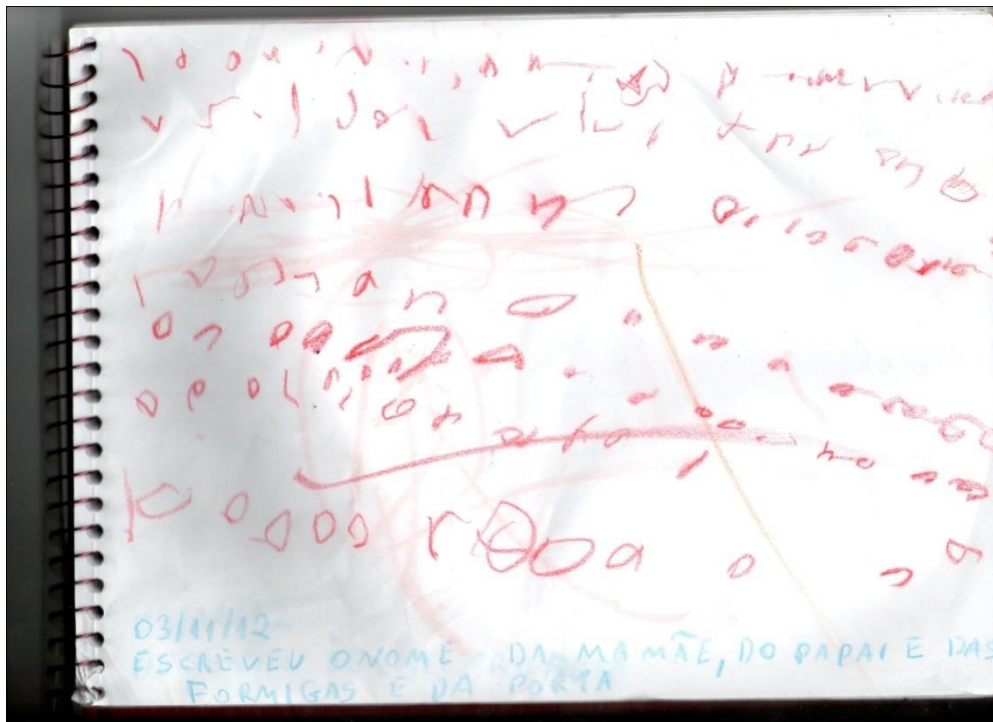
Como citado, o papel da creche muitas vezes é visto como um favor, para compensar a falta dos pais. Desta forma a creche perde sua característica de espaço educacional para ganhar status de “extensão” do lar. A creche, assim como a educação infantil, é um espaço de cidadania, de respeito e principalmente um direito de todos.

Particularmente no bairro onde moro (Barro Vermelho), no município de São Gonçalo, São poucas opções de escola pública com educação infantil. Como já havia dito antes, desde os dois anos Maria Isabel gostaria de frequentar a escola. As escolas privadas são muitas no bairro, por isso posso dizer que vaga não foi problema. Meu grande problema em relação às escolas privadas não foi a vaga, mas a qualidade. Todas trabalham com alfabetização por método tradicional. Minha irmã que é pedagoga formada me ajudou a escolher o que chamamos de “menos pior”. Consideramos principalmente espaço físico, proximidade de casa, atividades extras culturais e todos concordaram que era a que mais se aproximava das nossas expectativas, embora eu saiba que não existe uma escola perfeita. Para ela foi bom. Ela gosta das vezes em que vai para a brinquedoteca, das musiquinhas que aprendeu e dos amigos que ela não tinha.

O espaço da escola é bem amplo: têm parquinho, quadra de esportes, bichinhos e algumas árvores... Mas é costume da escola que se ande em fila para todo lado, inclusive para os brinquedos. Costumam trabalhar com datas comemorativas e fazem confraternizações nestas datas (Natal, Dia da Criança, Olimpíadas Escolares e Festa Junina...). No fim do ano houve uma apresentação em um teatro para as alunas do balé.

Em geral tenho poucas queixas da escola que minha filha frequenta. Acho, no entanto que o espaço escolar me lembra as prisões que Foucault tanto discute: uma quadra grande no meio com as salas em volta, cercas de arame em cima dos muros altos. Embora não concorde com isso, reconheço que as opções são poucas.

Figura 17: Texto produzido por Maria Isabel.



Fonte: Arquivo pessoal; outubro de 2012.

A figura acima traz o texto produzido por Maria Isabel, minha filha, com dois anos de idade. Ela foi capaz de lê-lo para mim muitas vezes, afirmando que não era um desenho, mas a representação escrita dos nomes do pai, da mãe das formigas e das portas. A partir de sua fala podemos afirmar que ela sabe a diferença entre texto e desenho.

Ferreiro e Teberosky (1999) estudaram a produção de escrita em idades bem pequenas chegando à conclusão que a criança, muito antes de chegar à escola, possui o conhecimento sobre o que é escrita e o que não é.

Nossa atual visão do processo é radicalmente diferente: no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, P. 24).

Conforme nos afirma Ferreiro e Teberosky, a criança não é um ser insensível e incapaz de observar o mundo ao seu redor. Ao contrário, ela consegue perceber a língua falada e consegue aprender a falar. Ela percebe a linguagem escrita e é capaz de distingui-la de um desenho.

Minha observação mostra que no geral as crianças sentem-se curiosas e ansiosas para escrever. Em minha infância, minha mãe relata que eu pedia para ela ler frases e decorava-as

para “ler”. Durante o processo de alfabetização costumava questionar a demora de chegar ao fim da cartilha para escrever o que quisesse sem precisar perguntar a ninguém como era esta ou aquela palavra.

Fico a me perguntar: na era digital, na qual algumas crianças convivem com respostas instantâneas, como e quando alfabetizar? Será na Educação Infantil, etapa inicial da escola, um espaço em que acontece a convivência social, brincadeiras, contação de história? Concordo com a escrita de Garcia:

A função da educação infantil não é apenas dar continuidade à aprendizagem da linguagem escrita, uma entre tantas linguagens, mas contribuir para que as crianças vivenciem as diferentes linguagens e usá-las para se expressar a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem plástica, a linguagem fotográfica, a linguagem do vídeo, a linguagem da mímica, a linguagem teatral e, por que não, a linguagem da informática. (GARCIA, 1993, p.19).

Como escreve Garcia, a Educação Infantil é um riquíssimo espaço de convivência social, aprendizado, bate-papo, brincadeiras etc. Seria um erro reduzir tal espaço a tão pouco. Eu mesma tenho inúmeras lembranças deste período e não esqueço um dia em que minha professora exigiu que todos ficassem bem quietos, em silêncio absoluto de cabeça baixa em nossas cadeiras. Aquele que se mexesse iria para a temida “cadeira do feio”. Obviamente naquele dia mais de seis crianças sentaram na tal cadeira, pois era impossível não nos mexermos, não falarmos, não nos expressarmos. Partilho esta memória para demonstrar que a criança deixa sua casa para ir até a escola nos primeiros anos e, muitas vezes, não compreende o porquê na escola o corpo precisa ser petrificado na cadeira e a língua trancada na boca por intermináveis horas. Segundo Foucault:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturas funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. (FOUCAULT, 1987, p 174).

Para Foucault a forma de organização das salas de aula e a disposição dos alunos são formas de vigiar melhor os movimentos dos corpos, economizando tempo e gestos, além de permitir a movimentação do professor pela classe.

Nesta perspectiva a organização do espaço escolar em filas facilita ao professor uma circulação maior no espaço escolar e uma facilidade em observar qualquer movimento. Aparentemente uma turma em que os alunos não saiam das cadeiras para circular pela sala é muito mais fácil de manter sobre controle. Mas será realmente? Em minha experiência de estágio na Escola Municipal Armando Leão Ferreira, observei que os alunos punidos com a

falta do recreio, eram muito mais agitados do que aqueles que podiam ao menos, por alguns minutos, movimentarem-se.

A Educação Infantil é vista por muitos somente como um espaço de brincadeiras. Já o primeiro ano é visto coisa seria. Ali a brincadeira chega ao fim e a escola vira uma prisão. Vejo que o privilegio de “coisa séria” do primeiro ano vem chegando ao fim pouco a pouco.

Em 2012 minha filha, então com dois anos, pediu para ir para a escola. Resolvi procurar uma escola que a aceitasse nesta idade. Na primeira e última escola que procurei a diretora, ela não sabia que eu cursava pedagogia. A diretora tentou me convencer que a mudança de nomenclatura da antiga CA para Primeiro Ano, não ficou só no nome. Disse ela que o segundo ano da Educação Infantil passou a ser a CA e o primeiro ano da Educação Infantil equivaleria ao antigo segundo ano. Logo, pela lógica dela, minha filha de dois anos que deveria ser matriculada no maternal estaria fazendo atividades do I ano da Educação Infantil. Não voltei mais. Nesta lógica os planos da escola eram óbvios: alfabetizar na Educação Infantil aos cinco anos (no caso de minha filha que nasceu em novembro, aos quatro anos). Fiquei decepcionada, pois não estava em meus planos matricular minha filha tão pequena na escola. Procurei a escola por insistência de minha filha. Concordava com o fato de que, por ser filha única e não ter contato com outras crianças, ela desejasse ir para a escola. Não intencionava, porém, que ela fosse alfabetizada logo ou aprendesse qualquer outra coisa, como se fosse um “cachorrinho adestrado” repetindo truques. Queria realmente que ela tivesse convivência com crianças de sua idade. Em vista da não possibilidade, resolvi ter outro filho.

Kramer (1999) afirma que:

Para a educação infantil desempenhar seu papel no desenvolvimento humano e social é preciso que a criança não seja vista como filhote ou semente, mas como cidadã criadora de cultura, o que tem implicações profundas para o trabalho em creches, pré-escolas e outros espaços, de caráter científico, artístico ou cultural. (KRAMER, 1999, p.2).

Compreendo a partir da fala de Kramer que um dos grandes desafios da Educação Infantil é não reduzir a capacidade de produzir algo, de compreender o universo.

Participei recentemente de mais um Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita e me impactei com a fala da professora Marisol que dizia que uma das formas de reduzir o raciocínio de uma criança é considerá-lo “fofo”. Acredito que precisamos dar credibilidade a cultura e fala infantil para que desta forma os alunos desenvolvam confiança para cada vez mais expressarem-se melhor.

Como podemos ver, a escola nos dias de hoje preocupa-se tanto com a linguagem escrita que esquece que a Educação Infantil é muito mais que isso. Segundo Kramer (1999):

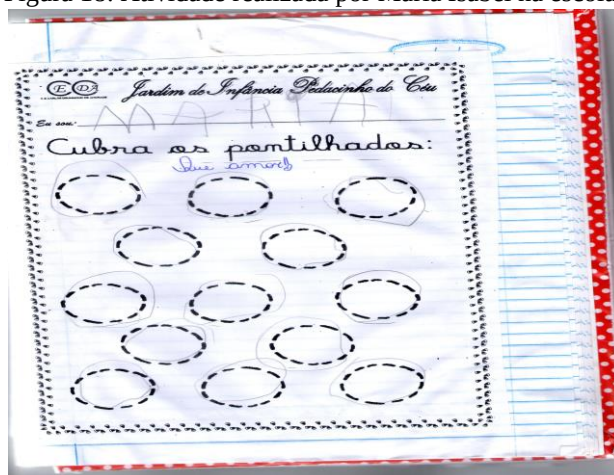
As crianças precisam criar construir e desconstruir precisa de espaços com areia, água, terra, objetos variados, brinquedos, livros, jornais, revistas, discos, panos, cartazes, e também espaços cujo objetivo é a experiência com a cultura, a arte e a ciência, de que com frequência as crianças pequenas são alijadas: mesmo nas grandes cidades, a maior parte dos locais está longe de contemplar as necessidades das crianças de zero a seis anos. Falta nos nossos municípios valorização de espaços de arte, história e cultura; faltam brinquedos e/ou praças e parques; brinquedotecas e locais para crianças pequenas em clubes, museus, bibliotecas, hospitais, postos de saúde, bancos - instituições para onde as levam os adultos por longos períodos de tempo. Mesmo as escolas, creches e pré-escolas precisam de espaços de brincar, garantindo o direito das crianças, e prestando relevante serviço às famílias. (KRAMER, 1999, p.3).

Para Kramer (1999) a escola é espaço em que a cultura dos alunos deve ser valorizada assim como o seu conhecimento de mundo deve ser reconhecido e respeitado. A escola não é um espaço somente para socialização, nem exclusivo para iniciar a alfabetização. Entendo que deva ser um espaço que una brincadeiras, descobertas, conhecimento, arte, música etc.

Tenho observado os deveres que minha filha trás da escola e me decepção em perceber que a escola não mudou suas práticas, e sim o seu discurso. Deixamos nossas casas para assistir uma reunião de pais (momento importantíssimo de dialogo entre pais e mestres) e ouvimos um discurso lindo de que a criança é respeitada em seu tempo, não é forçada a nada, é estimulado o tempo todo por brincadeiras. As crianças recebem toda semana uma quantidade enorme de pontinhos para cobrir. Recebem também números e letras para copiar incontáveis vezes nos cadernos. Penso todos os dias a respeito e não consigo achar diálogo entre algumas teorias e algumas falas.

Na figura abaixo exemplifico uma das atividades que para mim não tem sentido algum. Para alguns profissionais, isso se chama exercitar a coordenação motora. Para mim a coordenação motora não precisa de repetições, aprendemos a escrever escrevendo!

Figura 18: Atividade realizada por Maria Isabel na escola.



Fonte: Arquivo pessoal; novembro de 2013.

Segundo Moraes e Araujo (2007):

Se as escritas de nossos alunos revelam a pobre qualidade do processo alfabetizador vividos por eles, então, por que ainda vemos sua utilização de maneira hegemônica nas escolas? (MORAIS e ARAUJO, 2007, p. 162).

Se vivemos um momento tão rico de discussão e questionamos porque continuamos a reproduzir com nossos alunos as mesmas práticas dolorosas, cansativas e muitas vezes fracassadas? Estaremos realmente dispostos a comprovar que a escola é um espaço chato e sem sentido, mas necessário, ou podemos mudar as práticas junto com os discursos e provar que a escola é necessária? Escola de educação infantil pode ser um espaço de descobertas, experiências positivas, convívio social, aprendizado dinâmico, diálogo etc.

CAPÍTULO IV

AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES ESCRITAS DE MARIA ISABEL

O desenho é de alguma forma, um dos meios que a criança tem disponível para se encontrar com as suas próprias emoções, conseguir representá-las, dar-lhe significado quando ainda não consegue identificar um nome para aquelas sensações que sente constantemente. Para, além disso, o desenho é a forma que as crianças têm de comunicar com os adultos quando não conseguem por palavras. (COSTA. 2013.p.2)

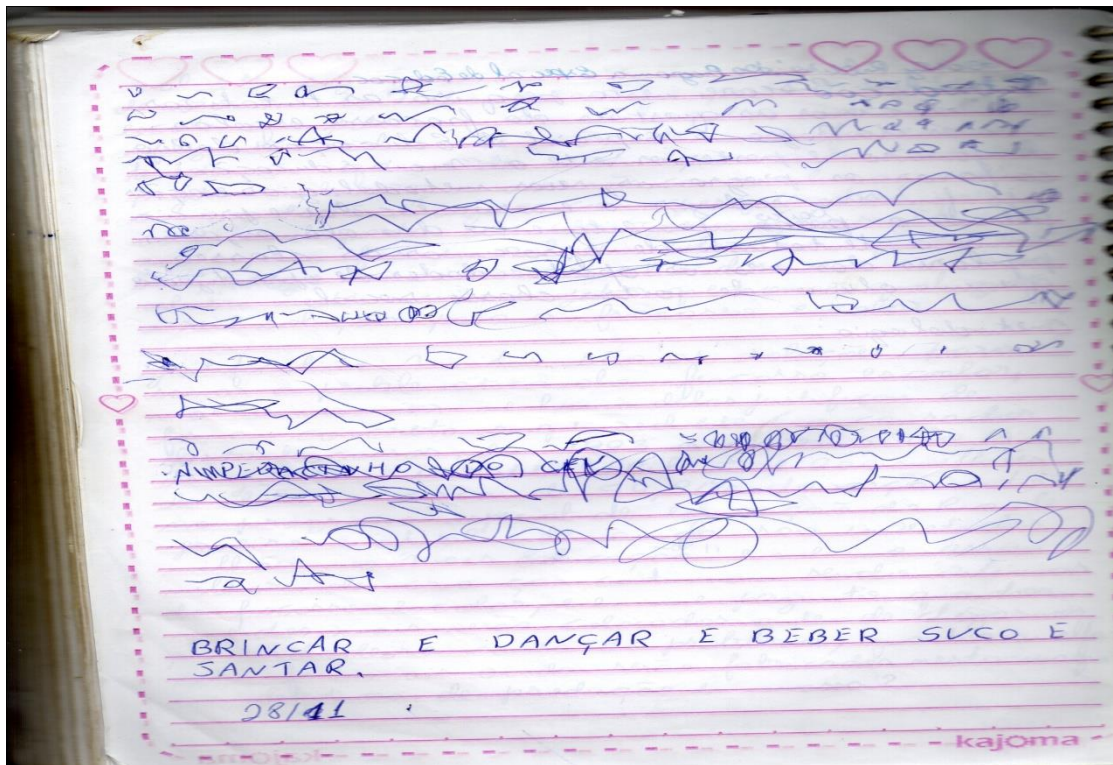
Ao propor falar das produções de minha filha meu objetivo era, conforme o texto de Costa (2013), apresentar que muito mais do que rabiscos, suas produções eram não apenas desenhos, mas verdadeiras escritas, coisas que ela sentia e registrava no papel, os trabalhos de minha filha que compartilho nesta monografia mostram que ela também era capaz de comunicar-se pela escrita, apesar de sua pouca idade.

Quando iniciei este trabalho, um dos meus objetivos era pensar nas possibilidades de escrita de uma criança antes da fase de alfabetização. Isto se deu a partir da observação de uma das minhas filhas, que aos dois anos de idade apresentava interesse pela leitura antes de freqüentar a escola.

Seu primeiro texto anexado na figura 1 desta monografia surgiu enquanto eu copiava uma receita, enquanto era observada de perto por seu olhar curioso. Ao término minha filha me perguntou inquieta o que eu estava fazendo. Respondi que copiava uma receita para o almoço. Quase imediatamente ela colocou-se a escrever também sua própria receita.

A partir deste dia, todas as vezes que ela via alguém escrevendo, procurava imediatamente uma caneta e um papel e começava a escrever e ler seus próprios textos.

Figura 19: Texto produzido por Maria Isabel.

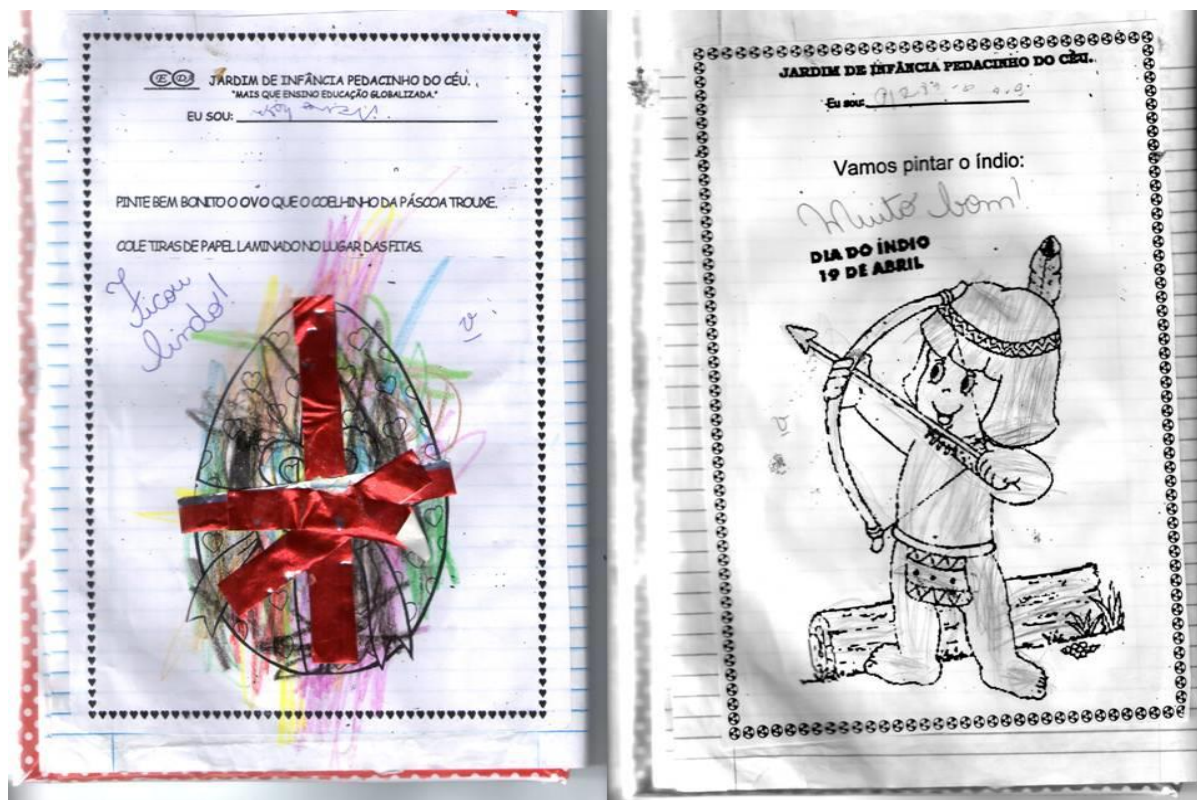


Fonte: Arquivo pessoal; novembro de 2012.

Com o tempo ela passou a escrever nas páginas dos livros de histórias, um gesto comum entre as crianças. Com o tempo percebi que não se tratava de meros rabiscos, mas uma forma de registrar no livro a sua maneira pessoal de contar aquela história.

No ano de 2013 Maria Isabel seguiu para o maternal II. Grandes foram as minhas preocupações sobre a maneira pela qual a escola iria lidar com sua escrita. Passei por conflitos internos entre o que aprendi na faculdade e o que vivenciei na escola. Como não sou ainda professora fiquei apreensiva sobre o quanto a escola poderia contribuir ou não naquilo que minha filha havia vivenciado em casa.

Figura 20: Primeiros exercícios de casa trazidos por Maria Isabel.



Fonte: Arquivo pessoal; abril de 2013.

Nos primeiros exercícios que Maria Isabel trouxe para casa, eu mesma colocava o nome dela. Em uma reunião de pais que aconteceu logo no início do ano, a coordenadora pedagógica da escola pediu que não escrevesse nos cadernos dos alunos em nenhuma hipótese. Ela pediu aos pais para redigirem o nome das crianças em papel a parte e os ensinasse a copiar. Como não concordei com a proposta passei a pedir para ela escrever seu nome do jeito que sabia no local que a tarefa pedia. Este foi um passo difícil, pois Maria Isabel questionou que não sabia escrever o nome. Eu sempre a incentivava dizendo para escrever do jeito que ela sabia.

Já que falei em escrever do jeito que a criança sabe, gostaria de abrir aqui um parêntese. Logo que minha irmã aprendeu a escrever, minha mãe ensinou a ela uma tradição de família. Meu avô tinha uma forma especial de escrever o nosso sobrenome “Albernoz”. A letra “A” deveria ser feita sempre em letra bastão:



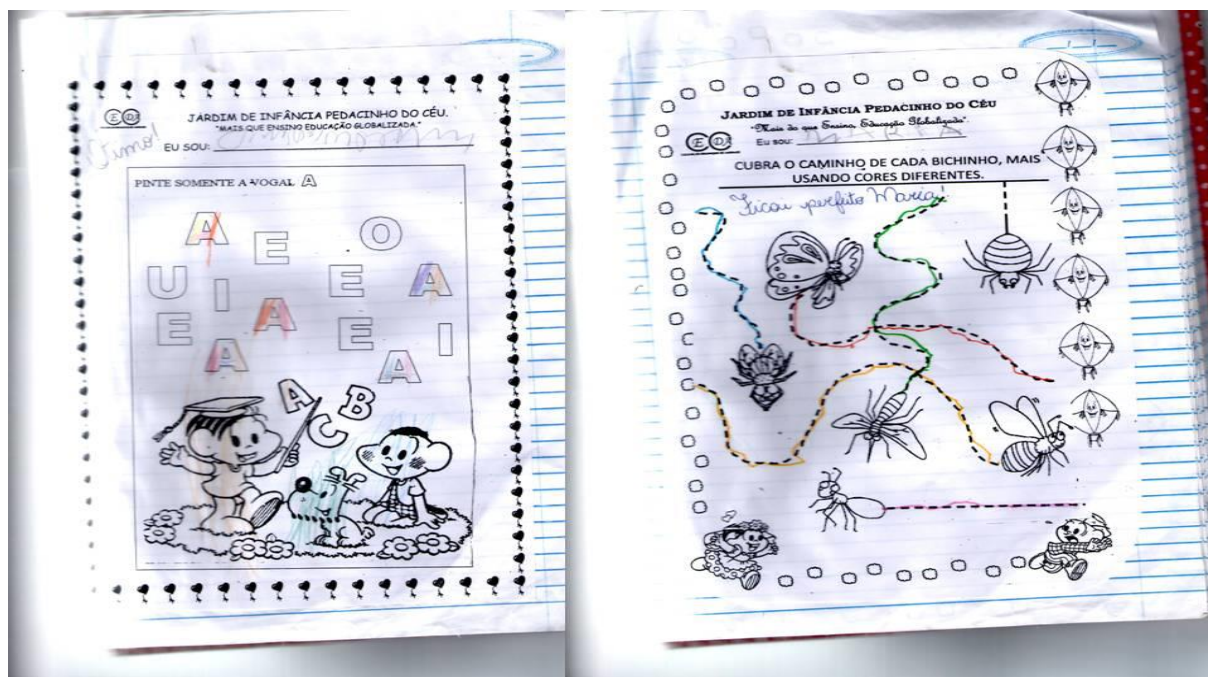
Contudo, a diretora da escola da minha irmã não sabendo de que se tratava de uma marca de família, passou a puni-la com pontuação nas provas por não usar a letra cursiva:



A minha mãe passou a pedir a minha irmã que usasse o ‘A’ característico de nossa família somente fora da escola. Quando chegou minha vez de ir para a escola ela não me ensinou a usar o “A” em letra bastão. O fato é que mesmo assim não fui isenta da crítica, pois no meu caso sempre ouvia dos meus primos frases do tipo “a Albernoz que não usa o “A” da família”.

Contei esta história porque me remete ao assunto anterior. Penso que ao classificar uma escrita como certa ou errada, vai proporcionar ao aluno insegurança no ato de escrever por medo de errar. Será que é este o papel que a escola quer cumprir? Ou a escola quer formar novos leitores e pessoas comprometidas a usar a escrita de forma social?

Figura 21: Caderno de atividades de casa de Maria Isabel.



Fonte: Arquivo pessoal; maio de 2013.

Não demorou muito e Maria Isabel já escrevia seu próprio nome. A professora sempre elogiava a sua habilidade na escrita. Eu sei que esta habilidade nada tem haver com os pontinhos que cobria na sala de aula, mas com as inúmeras horas que desenhava em casa e aprendia brincando.

Embora o elogio acontecesse, era comum a crítica de que ela sempre demorava a começar a fazer os deveres. Quando recebi o envelope bimestral de atividades compreendi o porquê de tanta resistência da parte dela em fazer os exercícios que em geral eram para cobrir pontinhos. Essas atividades eram coisas que para ela eram absolutamente chatas e sem sentido.

Figura 22: Carta de Maria Isabel para mim.



Fonte: Arquivo pessoal; dezembro 2013.

Com a ajuda da escola as cartas mudaram um pouco o padrão. Maria Isabel aprendeu que existe uma forma para cada letra e já não se permite errar. Assim, quando ela deseja escrever alguma coisa, sempre pede que soletremos as letras das palavras e tenta escrever. Isso de certa forma limitou um pouco a sua ânsia de escrever, pois agora ela sabe que existe uma maneira certa.

Espero que daqui para frente minhas filhas possam ter mais oportunidades do que eu e muitos jovens na minha época tivemos. Que a relação da escola e da família com os livros deixe de ser vazia e passe a ter um sabor de comunhão, no sentido de que as pessoas aprendam a compartilhar suas leituras da mesma forma que compartilham o último capítulo da novela.

A primeira vez que li Machado de Assis foi exatamente porque vi jovens da minha idade em uma roda de amigos falando coisas maravilhosas do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas” daí em diante virei fã deste tipo de literatura.

Quero que no seu processo escolar seus professores não deixem morrer a semente que plantei no coração dela, não deixem que o amor pela leitura passe a ser obrigação. Sonho que

ela seja melhor do que eu, leia livros todos os dias, qualquer gênero, não importa, quero que ela ame os livros, ame ler, e faça da escrita uma ferramenta social.

Gostaria que a escola de hoje mantivesse as portas de suas bibliotecas abertas, que tivessem livros de qualidade e que as crianças tivessem um projeto para serem estimuladas a visitá-las não só para pesquisas escolares, mas pelo prazer de ler um bom livro.

Sei que infelizmente minha filha será alfabetizada do jeito que fui, mas gostaria que a escola ao menos, a envolvesse na leitura e compreendesse que alfabetização é um processo que dura não só um ano e sim a VIDA TODA.

CONCLUSÃO

Como podemos ver ao longo desta monografia a educação infantil não está impedida de alfabetizar, mas não devem impor isso as crianças. O papel desta etapa da escolarização é apresentar a leitura e escrita para que as crianças reflitam sobre o seu sentido.

As discussões sobre alfabetização na educação infantil são muitas. O que penso é que o ponto central da discussão não deve ser o ato de alfabetizar em si, mas como compreendemos o processo de alfabetização. Alfabetizamos-nos todos os dias. Mesmo depois do primeiro ano, estamos sempre aprendendo um novo desdobramento da língua escrita. Cada dia aprendemos palavras novas. Vivemos e nos comunicamos através da escrita a vida toda, e morremos sem conhecê-la plenamente. Como exigir do aluno um conhecimento perfeito se nós mesmos não conseguimos ter?

A educação infantil muitas vezes é o primeiro contato da criança com a língua escrita, e pode ser feito de muitas formas. Quando lemos para um aluno também o alfabetizamos. Quem nunca recebeu um bilhete infantil repleto de escrita, mas sem conter uma única palavra? O mais importante é a compreensão da funcionalidade da escrita: comunicar, fazer – se compreender.

A educadora Emilia Ferreira comprovou que a criança, desde cedo, tem suposição sobre a leitura e a escrita, que devem ser conhecidas pelo professor e cultivadas em seus vários níveis, para uma maior eficácia no processo ensino-aprendizagem. Desta forma é preciso que o professor compreenda que o aluno não pode previamente conhecer as letras para posteriormente dar significado a elas. Ao contrário o processo de alfabetização deve ser acompanhado desde sempre de sentido. É fundamental compreender que a escrita possui funcionalidade, para que a criança permite-se e almeje desfrutar da linguagem escrita.

Ao produzir esta monografia aprendi a valorizar cada bilhetinho escrito por uma criança, pois descobri que eles significam muito mais do que rabiscos. Aprendi a olhar para a criança como um ser humano completo e não em formação, alguém que é capaz de amar e expressar o que sente não só com beijos e abraços, não só com choros e risos, mas também com palavras não só faladas, mas também escritas.

A grande dificuldade que tive ao escrever foram as pessoas que julgaram meu tema. Muita gente pensou que eu estava imitando Piaget ao querer pesquisar minha filha. Mas não foi esta questão que me moveu e sim o fato de saber que antes de mim muitos pesquisadores já haviam visto e chamado a atenção para a escrita das crianças pequenas. Eu sabia que minha

filha era uma entre tantas outras crianças que são capazes de utilizar a escrita para comunicar-se.

Gostaria que todos que lessem este trabalho pudessem voltar seus olhares para as crianças e as vissem como um ser completo, capaz de produzir muito mais do que rabiscos, mas comunicação.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Elite Fernandes de. **A Importância da Literatura Infantil para o Desenvolvimento da Criança**. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-literatura-para-o-desenvolvimento-da-crianca/9055/>> Acesso em 12/03/2014.

CENSO DA EDUCAÇÃO INFANTIL, 2000. Disponível em:
<<http://portal.inep.gov.br/educacao-infantil> >: Acesso em: 13/03/2014.

FERREIRO, Emilia. **Deve-se ou não se deve ensinar a ler e escrever na pré-escola? Um problema mal colocado**. In: FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo. Cortez, 2000.

_____; **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo. Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.

FERNANDES, Priscila Valverde. **Fracasso escolar: realidade ou produção?** Revista Urutagua: revista acadêmica multidisciplinar. Maringá, n. 06, abr/jul. 2004. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/006/06fernandes.pdf>> Acesso em: 02/11/2013.

FOZ, Adriana. **Ler Faz Bem Para o Cérebro**. Disponível em:
<<http://www.direcionalescolas.com.br/adriana-foz/ler-faz-bem-para-o-cerebro>> acesso em 02/11/2013.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____; **Educação Como Prática da Liberdade**. 27^a. Ed. São Paulo. Ed. Paz e Terra; 2003.

GARCIA, Regina Leite. **Discutindo a escola pública de Educação Infantil - a reorientação curricular**. In: GARCIA, Regina Leite (org.) *Revisitando a pré-escola*. São Paulo: Cortez,

1993. _____ (org.) A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática. Cortez, 1998.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita pela criança.** Disponível em:
<http://sites.aticascipione.com.br/letramento/artigos.asp?id_artigo=3&num_pagina=2> Acesso em 13/03/2014.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 8º. Ed. Positivo; 2010.

KRAMER, Sonia. **O Papel Social da Educação Infantil.** Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000082.pdf>> Acesso em: 19/12/2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma Historia de Leitura.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos e ARAÚJO, Mairce da Silva. **Alfabetização: desafios da prática alfabetizadora.** Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n.3, 2007. Disponível em:
<[HTTP://www.mocambras.org](http://www.mocambras.org)> e ou <[HTTP://www.acoalfaplp.org](http://www.acoalfaplp.org)>. Publicado em: setembro 2007. Acesso em: 02/11/2013.

_____; **Alfabetização e escrita: o que dizem os textos infantis sobre o processo de construção da lecto-escritura?** Disponível em:
http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ09_4.htm. Acesso em 01/03/2014.

_____; **Histórias e Narrativas na Educação Infantil.** In: Fonseca, Isaque; Garcia, Regina Leite; Di Pierro. Crianças, Essas Conhecidas tão Desconhecidas. Rio de Janeiro. DP&A, 2002. PENACC, Daniel. **Como Um Romance.** Ed Asa, Porto, 2002.

PEREIRA, Sonia Regina. **Educação infantil é oportunidade de a criança interagir com o mundo.** Disponível em: < <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2013/11/educacao->

infantil-e-oportunidade-de-a-crianca-interagir-com-o-mundo-4321275.html> Acesso em 13/03/2014.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em: 03/03/2014.

SCARPA, Regina. **Alfabetizar na Educação Infantil. Pode?** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/alfabetizar-educacao-infantil-pode-424823.shtml>> Acesso em 08/08/2013.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os Lírios do Campo**. 32. Ed. Porto Alegre: Globo, 1976. 290p